

ESTRATÉGIAS DE RECONSTRUÇÃO DA COMUNIDADE NIGERIANA PÓS-GUERRA CIVIL NA IGBOLÂNDIA OCIDENTAL (ANIOMA), 1970-1991

Daniel Olisa Iweze¹
Uchenna Anyanwu²

Introdução

O programa de reconstrução pós guerra civil foi promulgado pelo Governo Militar Federal sob o comando do General Yakubu Gowon no final da Guerra Civil Nigeriana para a reconstrução e reabilitação da infraestrutura danificada e reintegração de Igbo na matriz do Estado nigeriano. A política do governo do Estado do Meio Oeste no pós-guerra em suas tentativas de reconstrução de Anioma (Igbolândia Ocidental) no final da guerra civil foi sem convicção e não genuína. Os esforços feitos tanto pelo governo federal quanto pelo governo do estado do Meio-Oeste para ajudar as pessoas a se reabilitarem e a reconstruírem sua infraestrutura social e econômica foram marginais.

Os programas de reconstrução pós guerra civil eram louváveis e nobres, mas sua implementação foi sem convicção e sutilmente empacotada para desalojar e marginalizar o Igbo; ficou aquém das expectativas da população de ser reintegrada à corrente política e econômica do país. O povo adotou diferentes estratégias comunitárias de auto-ajuda para se reabilitar depois que os governos federal e estadual perderam o interesse. Após a guerra, o povo Igbo ocidental deslocado retornou, reconstruiu suas residências e, quando a ajuda humanitária cessou, eles foram deixados por conta própria.

¹ Departamento de História e Estudos Internacionais, University of Benin. Cidade de Benin, Nigéria. E-mail: danielolisa2@gmail.com e daniel.Iweze@uniben.edu

² Departamento de História e Estudos Internacionais, Universidade da Nigéria. Nsukka, Nigéria. E-mail: agucas2000@yahoo.com

Isso impulsionou várias comunidades de Igbolândia Ocidental a confiarem nos esforços comunitários de auto-ajuda, mobilizando seus recursos sócio-econômicos para reabilitarem suas terras natais.

No final da Guerra Civil Nigeriana, em janeiro de 1970, as necessidades prementes da população eram alimentação, medicamentos e abrigo. O coronel Ogbemudia, governador do Estado do Meio Oeste, anunciou após a guerra que as necessidades de reabilitação do Estado do Meio Oeste eram mais do que sua capacidade financeira e encorajou as pessoas a iniciar medidas para se reabilitarem (*Daily Times* 1970, 28). Ele reiterou, ainda, que o Governo do Estado do Meio Oeste não poderia fornecer todos os serviços sociais e econômicos a menos que as pessoas estivessem dispostas a desempenhar seus deveres cívicos, e que o trabalho de reabilitação seria realizado pelo governo em colaboração com o povo (Uchendu 2007, 173-174). A declaração do Governador Militar do Estado do Meio Oeste, Ogbemudia, tipificou adequadamente as necessidades de desenvolvimento do povo e o imenso papel que o governo esperava de suas atividades de auto-ajuda para complementar seus esforços. Durante o período de reconstrução, o desempenho sombrio tanto do governo federal quanto do governo do Meio Oeste na restauração da infraestrutura danificada em Igbolândia Ocidental criou uma lacuna que obrigou as pessoas a embarcar em trabalhos maciços de reconstrução comunitária e individual. Este desenvolvimento despertou um renascimento do espírito de auto-ajuda, que está profundamente enraizado em sua tradição. Este documento afirma que a reconstrução no pós-guerra em Igbolândia Ocidental foi preponderantemente um esforço comunitário e individual, no qual o empenho das pessoas só foi aumentado pela assistência que receberam dos governos estaduais e federal do Meio Oeste, assim como a ajuda humanitária das agências e organizações locais e internacionais de auxílio voluntário.

Apesar da relevância histórica do programa de reconstrução pós-guerra civil na reintegração de Igbo no aprisco nigeriano após a guerra, há uma lacuna na literatura que explora a reconstrução pós-guerra civil de Igbolândia. No trabalho de Alex Harneit-Sievers, Jones Ahazuem e Sydney Emezue, intitulado: *A Social History of the Nigerian Civil War: Perspectives from Below* (Harneit-Sievers, Ahazuem e Emezue, 1998), eles se concentram no impacto da Guerra Civil Nigeriana sobre as massas que compreendem os idosos, mulheres e crianças. Eles sustentam que estas categorias de pessoas eram o grupo mais vulnerável que sofreu muito durante a guerra. O trabalho de Edmund Egboh (1987) examina as contribuições dos sindicatos municipais no desenvolvimento de Igbolândia na área de educação, saúde, eletrificação, abastecimento de água e outros projetos. Também explora como os sindi-

catos das cidades, clubes sociais, associações de mulheres e classes etárias haviam servido como agentes de desenvolvimento na reconstrução de suas comunidades devastadas pela guerra e da infraestrutura social danificada durante a guerra. No entanto, estas obras se concentraram no Igbo ao leste do Níger sem fazer qualquer referência ao povo Igbo ocidental que sofreu devastações e perdas maciças durante a guerra.

O programa de reconstrução pós guerra civil de Igbolândia não pode ser estudado sem considerar as obras prodigiosas de Paul Obi-ani (2002) e Daniel Iweze (2014). O trabalho de Obi-ani concentra-se excessivamente na reconstrução pós-guerra civil da infraestrutura social e econômica em Igbolândia, ao leste do Níger, deixando Igbolândia Ocidental pouco estudada. Esta tendência levou alguns estudiosos a acreditar, embora erroneamente, que Igbolândia Ocidental não faz parte de Igbolândia. O trabalho de Iweze (2014) concentra-se no Governo do Estado do Meio Oeste sob o comando do Coronel Samuel Ogbemudia na reconstrução pós guerra civil de Igbolândia Ocidental. Além destes trabalhos, até recentemente não havia nenhum trabalho acadêmico que se dedicasse exclusivamente ao estudo das estratégias de auto-ajuda da comunidade pós-guerra civil em Anioma (Igbolândia Ocidental). É devido a esta lacuna historiográfica que este trabalho explora as estratégias de auto-ajuda comunitária adotadas pelo povo na reconstrução de sua terra natal. Ele analisa as condições deploráveis e insuportáveis em Igbolândia Ocidental durante e após a guerra que fizeram a população ficar em casa ou emigrar para outras partes do país e do exterior. Este documento avalia os sucessos e os esforços comunitários de auto-ajuda do povo para se reabilitarem em relação aos programas de reconstrução do governo federal e do estado do Meio Oeste.

Geografia e Povo de Igbolândia Ocidental

Geograficamente, Anioma compreendia as então divisões Asaba e Aboh da Nigéria Ocidental colonial (Onyekpe 2002, 296). No período pré-colonial, o povo era chamado de *ndi Aniocha*, *ndi Ukwuani*, *ndi lka*, *ndi Odiani*, *ndi Oshimili* e *Umu Ezechima*, provavelmente porque eles falavam a língua Igbo e ocupavam a parte ocidental de Igbolândia. O povo anioma fala uma língua Igbo distinta, com pequenas diferenças dialéticas e subculturais. A área era anteriormente administrada como lka, Aniocha, Oshimili e áreas do governo local de Ndokwa (Ohadike 1993). No período colonial, foi chamada pelos britânicos de Igbolândia Ocidental, ostensivamente para diferenciá-los do Igbo ao leste do rio Níger, e no período pós-colonial, foi chamada

O Programa de Reconstrução Pós-Guerra Civil pelo Governo do Estado do Meio Oeste

O programa de reconstrução pós-guerra civil do Governo do Estado do Meio Oeste é examinado sob as rubricas sociais e econômicas. Na esfera econômica, a produção agrícola foi adversamente afetada pela guerra devido aos movimentos militares. No final da guerra civil, o Governo do Estado do Meio Oeste exortou o povo a embarcar na produção agrícola para garantir o sucesso do programa de reconstrução. O Governo do Estado do Meio Oeste ressuscitou as fazendas mecanizadas estatais em Attache, perto de Agbor, e instalou equipamentos de processamento de borracha nos assentamentos agrícolas de Mbiri e Utagba-Uno. O aumento do rendimento agrícola ajudou a estabilizar a economia local. A Usina Têxtil Asaba foi reconstruída em 1970 pelo governo em parceria com Messers Coutinho Caro de Hamburgo (Okocha 1994, 159).

Os governos federal e dos estados do Centro-Oeste priorizaram a reabilitação da infraestrutura de transporte, alocando fundos para o setor. A Ponte do Níger e a rodovia Asaba-Benin-Lagos foram reconstruídas pelo Governo Federal com base no Plano Nacional de Desenvolvimento pós-guerra civil de 1970-1974 (Plano Nacional de Desenvolvimento de 1973-1974, Programa de Reconstrução e Desenvolvimento Pós-Guerra. 1973-1974, 86). O governo estadual reconstruiu estradas e infraestrutura de transporte danificadas, incluindo a ponte Oboshi que liga Ibusa e Ogwuashi-Uku. Entretanto, muitas estradas e pontes estaduais e locais foram negligenciadas e somente reabilitadas pelo Coronel George Ininh em 1974. A partir de 1976, Igbolândia Ocidental começou a ter estradas e empresas de transporte razoavelmente boas recuperadas das devastações da guerra. Para mitigar o problema do transporte rodoviário, o Governo do Meio Oeste estabeleceu o Serviço de Ônibus Municipais na cidade de Benin e, posteriormente, o Serviço de Ônibus Delta em 1971. O serviço de ônibus urbano funcionava em Agbor, Asaba, Sapele e outras sedes de Divisão e Ogwuashi Uku, Warri e Auchí. A Linha Centro-Oeste foi posteriormente renomeada Linha Bendel (Ogbemudia 1991, 223-233). Entretanto, a criação das empresas estatais de transporte foi inadequada para as demandas de transporte do povo.

A educação recebeu atenção prioritária do governo estadual. O Comitê de Reabilitação do Meio Oeste em parceria com as agências internacionais de ajuda humanitária, tais como a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), o Comitê de Serviços Amigos Americanos e os serviços Quaker reabilitaram muitas escolas. Em 1971, escolas foram

reabertas em Asaba, Ibusa, Okwe, Achalla-Ibusa e Ogbuwashi-Uku. O Midwest State Scholarship Board concedeu bolsas de estudo a estudantes indigentes e órfãos até o nível do ensino médio (Okocha 1994, 163). O Instituto de Tecnologia do Meio Oeste foi criado em novembro de 1970 para resolver o problema dos estudantes deslocados e da alta demanda pelo ensino superior no estado após a guerra (Ogbemudia 1991, 206-207). Mais tarde, foi atualizado e renomeado Universidade de Benin em 1972.

Para renovar o mau estado do setor da saúde, o governo construiu novos hospitais em Akwukwu-Igbo, Ibusa e Olue-Olgbo na Divisão Isoko em 1970. O Conselho de Administração da Saúde do Estado do Meio Oeste, estabelecido em 1971, construiu novos hospitais e renovou os existentes (Ogbemudia 1991, 217-218). Várias casas residenciais em Asaba, Ibusa, Ogbuwashi-Uku, Oko, Ossisa e Isheagu foram destruídas durante a guerra. O governo não construiu novas casas residenciais para o povo, apenas fez parceria com a Agência para o Desenvolvimento Internacional dos Estados Unidos na reabilitação de casas em Asaba e Ibusa, ao custo de 315.000 euros. O governo fez parceria com agências de ajuda internacional para distribuir materiais de construção ao povo de Asaba, Ogbuwashi-Uku, Ibusa e Agbor (Uchendu 2007, 180-181). Mas estas medidas se mostraram inadequadas para atender às necessidades habitacionais de muitas comunidades.

O fornecimento de energia elétrica que foi desconectado pelas forças de Biafran em 1967 em Asaba e cidades vizinhas, quando invadiram o Estado do Meio Oeste, foi restaurado entre 1971 e 1972 (Ukpong 1979, 83). O equipamento de abastecimento de água danificado durante a guerra foi restaurado em 1977 durante o regime do Coronel Hussaini Abdullahi (Asenime 2005, 322). Os correios e as instalações de telecomunicações danificadas não foram restaurados pelos governos do Meio Oeste e Federal. O apelo do povo Ibusa ao Governo Federal em agosto de 1970 para a reabilitação das instalações dos correios e telecomunicações foi recusado. O Governo Federal liberou apenas uma insignificante soma de 5.000 euros para a religação das linhas telefônicas em Agbor, Asaba, Ibusa e Ogbuwashi-Uku (*Daily Times* 1970, 6 como citado em Uchendu 2007, 179). O povo Igbo ocidental, enfrentando o desânimo das autoridades do Meio Oeste e Federal, recorreu à auto-ajuda comunitária na reconstrução de sua infraestrutura social e econômica.

Estratégias de Reconstrução da Comunidade Igbo Ocidental Pós-Guerra Civil

O conceito de desenvolvimento comunitário engloba estratégias, intervenções ou atividades coordenadas em nível comunitário com o objetivo de promover o desenvolvimento social e econômico (Idode 1989). Antes do advento do colonialismo na Nigéria, muitas comunidades adotaram o comunalismo como um meio de mobilizar recursos comunitários para proporcionar facilidades funcionais em aspectos de sua vida social, política e econômica (Uchendu 1965). Essas comunidades engajaram-se na auto-ajuda comunitária para construção de suas casas, limpeza de terras agrícolas, estradas, construção de pontes, construção de salões comunitários e execução de outras instalações de infraestrutura social.

Antes do advento do desenvolvimento no estilo ocidental, as comunidades Igbo ocidentais, como outras sociedades Igbo, viviam de auto-ajuda comunitária e trabalho em rede. A auto-ajuda, uma estratégia relevante para o desenvolvimento comunitário na Nigéria, está enraizada na rica tradição do povo. A maioria das comunidades percebeu que a única forma de reconstrução imediata das casas e instalações devastadas pela guerra era através da auto-ajuda. Os desafios das situações pós-guerra civil eram complexos e multifacetados. As estratégias utilizadas para enfrentar esses desafios e apoiar efetivamente as comunidades em um caminho de recuperação e desenvolvimento eram diversas. O período marcou a revitalização e ressuscitação de uma multiplicidade de sindicatos, associações e clubes sociais de cidades com metas e objetivos condizentes com a segurança social e a auto-ajuda. Sendo a principal estratégia de desenvolvimento comunitário na Nigéria, a auto-ajuda comunitária do pós-guerra concentrou-se no fornecimento de amenidades sociais, tais como agências postais, centros de maternidade, água canalizada, saúde e cuidados. Com efeito, a auto-ajuda foi bem sucedida onde a política falhou, devido à participação ativa, compromisso e iniciativa do povo.

A estratégia institucional mais comum era a união da cidade, que combinava laços sociais, econômicos, políticos e às vezes de parentesco. Cada sindicato municipal era baseado em uma cidade ou vila em Igboland, na qual homens e mulheres solteiras uniam-se a outros da área de origem, enquanto mulheres casadas eram filiadas aos sindicatos de seus maridos. Cada sindicato participava de duas redes paralelas, uma que a ligava à cidade de origem e outra que a ligava ao local de residência do imigrante. O sindicato da cidade natal foi a sede que ligava as filiais através do local de residência do migrante e que o ligava com filiais em outras comunidades migrantes. Como

membros de seus sindicatos da cidade de origem, os membros migrantes podiam contribuir para o desenvolvimento de suas comunidades de origem. Os sindicatos municipais desempenhavam diversas funções, atuando como recurso e agência de controle social para os membros e suas famílias em momentos de necessidade, emergências e conflitos (Para detalhes, ver Isichei 1976). O apelo do Governo do Meio Oeste para que as pessoas adotassem iniciativas de desenvolvimento comunitário de auto-ajuda na reconstrução de si mesmas as ajudou a reviver vários sindicatos, associações e clubes sociais das cidades. As metas e objetivos desses sindicatos e associações municipais eram proporcionar companheirismo, segurança social, preservação da unidade e da cultura da cidade e angariar fundos para fornecer instalações de infraestrutura nas comunidades.

Em Asaba, uma cidade que foi devastada pela guerra civil, o Conselho Distrital Urbano de Asaba, (AUDC) e o Governo do Meio Oeste do Estado reconstruíram conjuntamente os mercados de Ogbe-Ogonogo e Ogbe-Olie em 1970. Os materiais de construção foram adquiridos pelo governo, o A.U.D.C. pagou pela mão-de-obra (Okocha 1994, 162). A Associação de Desenvolvimento da Asaba, um ramo do Conselho Distrital Urbano da Asaba (AUDC), foi criada em 1974 com Asagba da Asaba como seu presidente. Ela estabeleceu o ritmo para iniciativas de desenvolvimento comunitário de auto-ajuda com as seguintes metas e objetivos:

- I. promover e encorajar o espírito de auto-ajuda na cidade de Asaba;
- II. planejar o desenvolvimento de Asaba;
- III. arrecadar e administrar fundos para o desenvolvimento e melhoria de Asaba;
- IV. cooperar com organizações, sindicatos ou associações com metas e objetivos idênticos para fomentar o bem-estar, o desenvolvimento e o progresso de Asaba. (*História e Desenvolvimento da Asaba* 1978, 55)

Uma das conquistas significativas da ADA foi a construção do Estádio do Município de Asaba, ao custo de N50.000, antes de ser assumido pelo Conselho Estadual de Esportes de Bendel e posteriormente pelo Conselho Estadual de Esportes do Delta. Outra conquista notável foi a reconstrução do Palácio de Asagba, danificado durante a guerra, ao custo de N300.000 e N1.000 para o mobiliário. A ADA também construiu o *Ogwa Uku* Ahaba, seu secretariado nacional nos aposentos de Ogbeilo e reconstruiu a Praça Ogbe-Eke, o local onde a Segunda Divisão do exército nigeriano sob o comando

do Coronel Murtala Mohammed massacrou o povo asaba em outubro de 1967. Para aliviar o problema de transporte em Asaba, a ADA administrava um serviço de ônibus municipal para o povo (*Asaba History and Development* 1978, 48-54). Além disso, a ADA também fundou a Escola Secundária do Níger (Unoka 2008, Entrevista).

Os clubes sociais eram centros vitais de desenvolvimento comunitário no pós-guerra com grande potencial de bem-estar social. Eles evoluíram inicialmente como um mecanismo defensivo para fomentar o espírito de unidade e união entre as elites Igbo, mas posteriormente estenderam vários benefícios sociais a todas as categorias da população. Como os sindicatos da cidade, os clubes sociais desempenhavam funções sociais e utilitárias. Apesar de sua postura elitista marcante e das implicações negativas de classe, eles abraçaram um espectro mais amplo da população asaba. Estes clubes sociais transcendiam a mera garantia de segurança organizacional, apoio psicológico e alívio financeiro para seus respectivos membros; eles também faziam contribuições financeiras para o cuidado de crianças e vítimas de guerra (Eteng 2002, 204).

Entre esses clubes sociais, destacava-se o Clube Asaba Falcon, cujos membros eram as elites asaba residentes no país e no exterior. O clube foi fundado em meados dos anos 70 para tratar de questões de desenvolvimento em Asaba. Ele executou muitos projetos de desenvolvimento e promoveu a capacitação esportiva e juvenil em Asaba. Os feitos da Asaba Development Association e do Asaba Falcon Club encorajaram as mulheres de Asaba a formar a Asaba Ladies League (ALL) em 1977 para fornecer projetos de desenvolvimento em Asaba e mobilizar fundos para as necessidades de bem-estar de seus membros. Foi uma associação inclusiva que abrangeu todas as categorias de mulheres. A Liga de Mulheres Asaba construiu uma biblioteca em 1977 e doou-a ao Conselho de Governo Local de Oshimili. A biblioteca foi posteriormente assumida pelo Governo do Estado de Bendel e renomeada Biblioteca do Estado de Bendel (Okolo 2020, Entrevista).

Após a criação do Estado do Delta em 1991, quando havia uma necessidade extrema de espaços para escritórios, o Governo do Estado do Delta usou sua secretaria na Estrada Nnebisi por alguns anos até completar sua secretaria para funcionários públicos. (Unoka 2008, Entrevista; Uchendu 2007, 205). O Asaba Elegant Ladies Club foi fundado em meados dos anos 70 e sua associação estava aberta somente a mulheres de elite em Asaba. Ele contribuiu com sua cota na capacitação das mulheres através do desembolso de empréstimos, facilidades de crédito e outros pacotes de assistência social a seus membros.

Em Ibusa, uma cidade vizinha a oeste de Asaba, foi fundada em 1942 a União de Desenvolvimento Comunitário de Ibusa com Obuzor de Ibusa, Obi (Professor) Chiluno Nwaoboshi como presidente. Ele conduziu projetos de auto-ajuda voltados para as pessoas na cidade, entre os quais estava o edifício do Palácio Diokpa, o salão de reuniões da cidade onde Obi Obuzor de Ibusa e outros chefes tradicionais realizaram reuniões para deliberar sobre questões que afetavam a cidade (Esedebe 2010, Entrevista). O ICDU construiu a prefeitura de Ibusa que serviu como clínica auxiliar para o tratamento dos doentes e dos feridos durante a guerra (Nwaokocha 2019, Entrevista). Após a guerra civil, a prefeitura foi convertida em uma secretaria para o grupo de vigilantes comunitários da Ibusa. O ICDU reconstruiu o posto dos correios da Ibusa que servia as cidades e outras comunidades da extinta Divisão de Asaba. Também renovou o Salão do Colégio de Meninas do Governo Federal, ao custo de N2,5 milhões; construiu a Ponte Ogbe Atakpo, e construiu a Escola de Gramática Santo Agostinho, mais tarde renomeada Colégio Santo Agostinho (Esogbue 2020, 137.144 e 214).

O Ibusa Premier Club e a filial do Ibusa People's Club foram fundados nos anos 60 para trazer projetos de desenvolvimento para a cidade. Na era pós-guerra, eles se concentraram na reconstrução de escolas, hospitais e outros projetos que foram danificados durante a guerra. O papel da organização das mulheres era significativo na cidade. A Liga Ibusa de Mulheres, como sua contraparte em Asaba, renovou algumas escolas e hospitais secundários e realizou outros projetos comunitários (Esedebe 2010, Entrevista). Estes clubes e organizações sociais ajudaram significativamente na melhoria das condições de vida do povo Ibusa, que lutou pela sobrevivência após a guerra civil.

Em Ogwuashi-Uku, a associação para o desenvolvimento da cidade contribuiu imensamente para tirar a cidade das devastações da guerra civil. O Ogwuashi-Uku Beacon Club foi o núcleo da elite educada da cidade, composta por funcionários públicos dos governos federal e estadual, dignitários legais, diplomatas e indivíduos da academia, profissão médica e setor privado. Entre os membros proeminentes estavam o Embaixador Ralph Uwachue, Patrick Ozieh, o Juiz George Uwachue (SAN), o Prof. Emmanuel Osamor, ex-ministro de Assuntos Policiais, e (Obi) o Professor Chukwuka Okonjo, o governante tradicional do reino de Ogwuashi-Uku no passado imediato (HRH Okonjo 2010). As atividades comunitárias de auto-ajuda das mulheres também foram consideráveis em Ogwuashi-Uku. Em 1972, uma monarca feminina, *Omu*, foi colocada no poder e realizou muitos projetos de auto-ajuda que incluíram a construção de novas barracas no mercado de Ogwuashi-Uku. Ela e seus membros do gabinete organizaram e supervisionaram as atividades do mercado da cidade, fixaram os preços dos alimentos

e outros itens e aplicaram as regras e regulamentos do mercado no período imediato do pós-guerra. (Okonjo Sra. 2010, Entrevista).

Em Oko, uma cidade vizinha ao sul de Asaba, casas residenciais que foram arrasadas durante a guerra civil foram reconstruídas através de esforços comunitários de auto-ajuda sem qualquer intervenção governamental. A cidade de Oko, dez quilômetros ao sul de Asaba, composta pelas sete comunidades de Oko-Amakom, Oko-Anala, Oko-Ogbele, Oko-Umuoko, Aika-Ezeolu, Oko-Obiofu e Oko-Odifulu, foram devastadas durante a guerra. Para atender às exigências educacionais de seu povo, as comunidades construíram duas escolas secundárias nos anos 80, a Escola Secundária Oko, localizada entre Oko-Amakom e Oko-Anala, e a Escola Secundária Ekeanya, construída por Oko-Ogbele e Umu-Oko (observações do pesquisador). As duas escolas secundárias comunitárias fundadas para atender às demandas da população por educação secundária foram assumidas pelo Governo de Bendel e posteriormente pelo Governo do Estado do Delta. Devido ao abandono da comunidade por sucessivos governos na provisão de infraestruturas sociais vitais, as vilas Oko-Amakom e Oko-Anala executaram a instalação de energia elétrica em suas respectivas comunidades nos anos 80. As duas comunidades de Oko levantaram fundos para comprar grandes geradores, a fim de fornecer eletricidade para elas. A cidade de Oko foi conectada à rede nacional através dos esforços da Oko Development Union com o apoio do Governo do Estado do Delta. Após a guerra civil, estruturas físicas modernas e instalações infraestruturais na cidade de Oko foram construídas através de esforços comunitários e individuais de auto-ajuda.

Em Okpanam, ao norte de Asaba, as intervenções de desenvolvimento comunitário da cidade foram imensas. O povo ressuscitou o Sindicato de Desenvolvimento Comunitário de Okpanam, que executou projetos como instalação de energia elétrica, abastecimento de água e uma agência dos correios. A filial londrina da OCGU doou livros e outros materiais educacionais à Escola Secundária Okpalani e ergueu o Estatuto Major Chukwuma Kaduna Nzeogwu no centro da cidade (Azubuogwu Augustine 2010, Entrevista). A ala feminina da OCDU reconstruiu o Centro de Saúde de Okpanam e a estrada Emu-Ntoka que liga a cidade com a rodovia Asaba-Benin. O papel da líder feminina *Omu* de Okpanam, Sua Alteza Real, Martha Dunkwu foi considerável. Ela reconstruiu o mercado da cidade e construiu novas barracas. A comunidade de Okpanam, em colaboração com o Conselho de Governo Local de Oshimili, construiu um novo mercado em Okpanam na rodovia Asaba-Agbor-Benin-City (Ashibuogwu Elizabeth 2010, Entrevista). A comunidade de Iselle Mkpitime construiu uma maternidade e recebeu uma ajuda de 50 libras do Governo do Estado do Meio Oeste para seu projeto de auto-ajuda. O

Governo do Estado do Meio Oeste também desembolsou uma subvenção de 50 libras para os bairros de Umu-Ekeke em Akwukwu-Igbo para a conclusão da construção de tanques de pesca (Uchendu 2007, 201-203).

A União de Desenvolvimento Ubulu-Uku ajudou imensamente na reconstrução do centro de saúde deteriorado, da Escola de Gramática Eku-meku e da Escola de Gramática Iyi-Agor e outros projetos na cidade. A adoção de esforços de auto-ajuda comunitária em Igbolândia Ocidental durante o período de reconstrução foi significativa em outras comunidades como Iselle-Uku, Onicha-Olona, Isheagu, Ejeme-Aniogor, Agbor, Owa, Igbodo, Obior, Ubulu-Uku, Obiaruku, entre outras. A indústria do óleo de palma foi estabelecida em Akwukwu-Igbo, Ubulu-Uku e Nsukwa. A Agência de Desenvolvimento da Borracha foi estabelecida em Egbudu-Akah, Utagba-Uno e Kwale.

Os filhos e filhas de Igbo Ocidental na diáspora, grupos e organizações eram o maior ativo *offshore* de suas comunidades em razão de seu considerável potencial de capital humano e financeiro, que utilizavam em benefício de seu povo. As diásporas compreendiam aqueles que residiam no exterior antes da guerra e os que migraram no final da guerra para escapar das severas condições econômicas que caracterizaram os anos imediatos do pós-guerra civil, o que lhes oferecia poucas ou limitadas oportunidades em termos de emprego, seguridade social e melhoria de seu bem-estar geral. Exemplos disso são a Associação de Desenvolvimento de Asaba, União de Desenvolvimento Comunitário Ibusa, União de Desenvolvimento Comunitário de Okpanam, União de Desenvolvimento de Ubulu-Uku e outras filiais de associações comunitárias nos Estados Unidos da América, Reino Unido, Canadá, Alemanha e outros. Eles usaram suas posições estratégicas na Europa, nas Américas e em outros lugares para construir redes sociais e econômicas, através das quais canalizaram suas riquezas para suas respectivas comunidades. Filiais de sindicatos e clubes de cidades em Lagos, Ibadan, Abeokuta, Akure, Kano e outros apoiaram suas cidades através de remessas financeiras após a guerra.

Os sindicatos das cidades diaspóricas proporcionaram projetos voltados para a comunidade, investimento nas empresas locais, construção e facilitação de contatos e redes transnacionais com aqueles em casa e através da transferência de capital social, muito necessário para a reconstrução das comunidades devastadas pela guerra. Algumas das associações diaspóricas concederam bolsas de estudo em casa e contribuíram para construir e equipar escolas, hospitais e clínicas locais, bem como para a construção de estradas locais em suas respectivas comunidades. Por exemplo, Emma Okocha, uma das sobreviventes dos assassinatos em Asaba, foi uma das beneficiadas por

essa bolsa de estudos e se formou como jornalista. A injeção maciça de capital financeiro pelos filhos e filhas de Igbo Ocidental na diáspora ajudou muito na reconstrução tanto da infraestrutura física quanto social. Desta forma, as comunidades diaspóricas atuaram como agentes alternativos para apoiar o desenvolvimento socioeconômico de suas comunidades devastadas pela guerra.

O estabelecimento dos projetos de infraestrutura serviu como uma verdadeira estratégia utilizada para enfrentar e/ou superar o déficit na restauração da infraestrutura em Igbolândia Ocidental, tanto pelo governo federal quanto pelos governos dos estados do Meio-Oeste. Essas facilidades infraestruturais efetivamente apoiaram as comunidades e cidades no caminho da recuperação e estimularam o desenvolvimento em setores críticos da economia. O sucesso dos esforços de auto-ajuda da comunidade foi a participação ativa, o compromisso e a iniciativa das pessoas que embarcaram em intervenções comunitárias na reconstrução da infraestrutura social chave. A confiança das pessoas nos esforços de auto-ajuda da comunidade para melhorar suas condições sociais e econômicas com intervenções mínimas dos governos dos Estados Federais e Centro-Oeste mostra que a solidariedade comunitária foi encorajada quando as autoridades estaduais abdicaram de seu papel no atendimento às necessidades de bem-estar de seus cidadãos. A diminuição das intervenções governamentais levou ao rejuvenescimento do espírito de auto-ajuda, já que muitas comunidades tendiam a construir sobre suas capacidades locais. Isto fomentou um espírito de apego, valor e respeito aos projetos, o que constituiu a necessidade, o anseio e a aspiração do povo.

Muitas comunidades em Igbolândia Ocidental distinguiram-se em seu entusiasmo pelo desenvolvimento comunitário, através de esforços de auto-ajuda. Alhaji Shehu Shagari, o Comissário Federal de Desenvolvimento Econômico, Reabilitação e Reconstrução do pós-guerra, após um extenso tour pelas áreas afetadas pela guerra, elogiou os esforços comunitários compartilhados do povo em auto-ajuda e afirmou que estava “impressionado com a indústria e o vigor do próprio povo, suas cidades e vilas, independentemente da assistência do governo e das agências de ajuda”. Os serviços públicos foram rapidamente reativados, assim como outros serviços e inúmeras formas de atividades econômicas. Em poucos anos, o que antes era um caso desolado e aparentemente sem esperança para o desenvolvimento havia testemunhado uma enorme transformação. A rapidez da recuperação teria sido impossível sem “os esforços dos líderes comunitários nas áreas afetadas pela guerra” (Shagari 2001, 164). Reforçando ainda mais esta visão, o Chefe Emmanuel Iwuanyawu afirmou que “os Igbo reconstruíram seu ambiente após a guerra quando não puderam obter ajuda dos institutos apropriados. Eles tam-

bém se reabilitaram, voltando-se para empregos e comércio de sobrevivência após a guerra” (Okpaleke e Maduemesi 2011, 25). O serviço de bem-estar comunitário constituiu uma das estratégias adotadas pelo povo através de associações voluntárias representativas, sindicatos, clubes sociais e indivíduos interessados em projetos de desenvolvimento comunitário (Anthony, 1996, 199-205 e 2002).

Embora qualquer estado que emerge de um conflito armado geralmente enfrente o difícil desafio de transição de economias enfraquecidas pela guerra e relações políticas e sociais altamente polarizadas para uma economia revitalizada capaz de prover as necessidades básicas de todos os cidadãos e grupos políticos, o fato é que sem uma reconstrução adequada da infra-estrutura física e revitalização econômica, as áreas devastadas pela guerra tendem a permanecer deficientes. O fracasso do governo em atender adequadamente às necessidades do povo os fez olhar para dentro e buscar soluções para seus problemas de desenvolvimento através da mobilização de recursos locais. O povo Igbo Ocidental, assim como Igbo a leste do rio Níger, saiu do programa de reabilitação e reintegração pós-guerra civil que, de outra forma, marcou os 3Rs empobrecidos, amargurados e sobrecarregados com dívidas.

As condições socioeconômicas de várias comunidades nos anos imediatos do pós-guerra eram horríveis e, portanto, uma rápida lembrança das dificuldades dos alemães no final da Guerra dos Trinta Anos de 1648. A alegação do Governo Federal de “não vencer, não vencer” foi calculada para impressionar o povo. Apesar da adoção de várias estratégias comunitárias pela população para melhorar seu bem-estar e amortecer os efeitos da Guerra Civil Nigeriana, as condições em casa eram insuportáveis. Alguns, por várias razões, como a fobia da crise de 1966 no norte, e as experiências horríveis subsequentes durante a guerra civil, decidiram ficar em casa e se aventuraram na agricultura e em outros empregos informais para ganhar a vida. Outros, que não conseguiram se adaptar às condições do pós-guerra em casa, voltaram para seu local de residência antes da guerra, enquanto outros foram para Lagos, Ibadan, Kano, Jos, Kaduna e outras cidades.

Conclusão

Este documento explorou a dinâmica das estratégias de reconstrução de auto-ajuda comunitária adotadas pelo povo na era pós-guerra civil. Ele estabeleceu que o instinto de sobrevivência do povo motivou a adoção de

atividades de auto-ajuda comunitária. Estas abordagens de desenvolvimento comunitário, em colaboração com governos e agências internacionais, ajudaram a melhorar suas condições do pós-guerra. O povo Igbo Ocidental foi desencantado com os programas de reconstrução do Estado do Meio Oeste e dos governos federais, e decidiu olhar para dentro, adotando estratégias de auto-ajuda para se reabilitarem. Para isso, os esforços comunitários da população foram primordiais para a restauração da infraestrutura física. Embora tanto o governo federal como o estadual tenham reconstruído algumas infraestruturas deterioradas, muitas comunidades foram negligenciadas. O programa de reconstrução pós-guerra civil na Nigéria, sob o comando do General Gowon, gerou muitas controvérsias e debates entre estudiosos da academia e analistas fora dos círculos acadêmicos. Estudiosos que compartilham os sentimentos do governo federal apontam apressadamente para algumas amenidades sociais reconstruídas e argumentam que tanto o governo federal quanto os governos dos estados do Centro-Oeste se saíram consideravelmente bem na reconstrução das áreas devastadas pela guerra após as hostilidades. Eles elogiaram os governos pela “rapidez” com que a infraestrutura social e econômica foi restaurada, reconciliando Igbo com outros grupos nigerianos. Eles acreditam que as autoridades nigerianas foram magnânimos em uma vitória sem precedentes na história global de reconstrução pós-conflito. Seria enganoso pesar a reconstrução mesquinha das instalações de infraestrutura e a limitada reabilitação do povo durante a era da reconstrução contra a marginalização política e econômica do povo Igbo e chegar à conclusão de que os programas de reconstrução do Governo Federal e do Estado do Meio-Oeste foram fielmente implementados. O programa foi implementado de forma a refletir o padrão de marginalização e injustiça para as pessoas que foram expostas a operações militares e assassinatos. De forma justa, tanto o Governo Federal como o do Meio Oeste se saíram bem na restauração de alguma infraestrutura básica em Igbolândia, mas o motivo ulterior da marginalização de Igbo era claro. As medidas de retribuição inerentes ao programa estavam em desacordo com os princípios do programa de reconstrução, reabilitação e reintegração pós-construção civil. Os promulgadores dos 3Rs (Autoridades Federais e do Meio Oeste), até certo ponto, não tinham um compromisso genuíno e vontade política na implementação do programa de reconstrução pós guerra civil, já que Igbolândia ainda está sendo reconstruída de forma adequada. O programa de reconstrução pós-guerra civil do governo do Estado do Meio Oeste não atendeu adequadamente à difícil situação do povo Igbo Ocidental. Isto é evidenciado pelo número de esforços de auto-ajuda comunitária que eles iniciaram para atender suas necessidades prementes.

REFERÊNCIAS

Entrevistas

Azubuogu, Augustine Cyril. (69 anos), Um ex-oficial militar do Exército Nigeriano e Ex-soldado Biafrense, Okpanam, 30 de dezembro de 2010. Ele é o único oficial sobrevivente entre os jovens oficiais militares revolucionários que planejaram o golpe de janeiro de 1966 que levou à morte do ex-primeiro-ministro, Alhaji Tafawa Belewa, Sarduna de Sokoto, Sir Ahmadu Bello, Chefe do Ministro das Finanças Okotie-Eboh e outros oficiais militares do Norte.

Azubuogu Elizabeth. (63 anos), Professor aposentado, Okpanam, 30 de dezembro de 2010.

Esedebe, Fred. (77 anos), Ex-Secretário Permanente do extinto Ministério da Informação do Meio-Oeste, Ibusa, 28 de junho de 2010.

Nwaokocha, Augustine Odigwe, (56 anos), Acadêmico Sênior, Ibusa, 31 de dezembro de 2019.

Okolo, Collins, (40 anos), Doutorando no Instituto de Estudos Africanos, University of Nigeria, Nsukka, Asaba, 10 de abril de 2020.

Okonjo, Chukwuka. (82 anos), Professor aposentado e governante tradicional do Reino Ogwashi-Uku, Ogwuashi-Uku, 22 de julho de 2010.

Okonjo, Kaneme. (76 anos), Professor aposentado, Ogwuashi-Uku, 22 de setembro de 2010.

Unoka, Ben. (73 anos), Professor aposentado, Asaba, 28 de dezembro de 2008.

Livros, Artigos e outros

Anthony, Douglas. 1996. ““I Need to Go to Kano”: The Unmaking and Remaking of an Igbo Migrant Community in Northern Nigeria, 1966-1986”, *PhD Dissertation*, Department of History, Northwest University, Evanston, Illinois.

Anthony, Douglas. 2002. *Poison and Medicine, Ethnicity, Power, and Violence in a Nigerian City, 1966 to 1986*. Portsmouth: Heinemann.

Asaba History and Development. 1978. Benin-City: Manla Enterprises Nigeria Ltd.

- Asenime, Jude. 2005. "The Foundation, Growth and Transformation of Asaba up to 1991", PhD Thesis, Bayero University, Kano.
- Daily Times*. 1970, ago. 6.
- _____. 1970. set. 25.
- Egboh, Edmund. 1987. *Community Development Efforts in Igboland*. Onitsha: Etukokwu Press.
- Esogbue, Emeka. 2020. *A History of Ibusa: Origin, Settlement and Development of people Living Along the Road*. Ibadan: Carophen Communication Limited
- Eteng, I. A. 2002. "Igbo Community Development and Social Welfare". In Onitsha: Africana First Publisher *A Survey of Igbo Nation*, organizado por G.E.F. Ofomata. Onitsha: Africana First Publishers Ltd.
- Greenberg, Joseph. 1981. "African Linguistic Classification". In *UNESCO General History of Africa: Methodology and African Pre-History*, vol.1, organizado por Joseph Ki-Zerbo. California: Heinemann.
- Harneit-Sievers, A., Ahazuem e J.O., Emezue, S. 1998. *A Social History of the Nigerian Civil War: Perspectives from Below*. Enugu: LIT Verlag
- Idode, B. 1989. *Rural Development and Bureaucracy in Nigeria*. Ibadan: Longman.
- Isichei, E. 1976. *A History of Igbo People*. Londres: Longman.
- Iweze, Daniel. 2014. "Post Civil War Reconstruction of Western Igboland Nigeria, 1970-1991", *Unpublished PhD Dissertation*, Department of History and International Studies, University of Nigeria, Nsukka.
- National Population Census. 2006. Federal Government of Nigeria, Abuja.
- Obi-ani, Paul. 2002. *The Post-Civil War Social and Economic Reconstruction of Igboland, 1970-1983*. Enugu: Markpress.
- Ogbemudia, S.O. 1991. *My Years of Challenge*. Ibadan: Heinemann Educational Publishers.
- Ohadike, Don. 1993, *Anioma: A Social History of the Western Igbo People*. Athens: Ohio University Press, xvi.
- Okpaleke, D. e Maduemesi, Uche. 2001. "Echoes of Biafra". *Tell Magazine* 15 jan. , 25.
- Okocha, Emma. 1994. *Blood on the Niger: The Untold Story of the Nigerian Civil War*. Port-Harcourt: Sunray Publishers.

- Okonjo, Kaneme. "The Dual Sex Political System in Operation: Igbo Women and Community Politics in Midwestern Nigeria". In *Women in Africa*, organizado por Hafkin, N.J. e Bay, E. G. California: Stanford University Press.
- Onyekpe, Nkem. 2002, "Conflict and Co-operation Among West Niger Igbo Communities Before 1900". In *Readings in Nigerian History and Culture: Essays in Memory of Prof. J.A. Atanda*, organizado por G.O. Oguntomisin e Ademola Ajayi. Ibadan: Hope Publishers.
- Second National Development Plan 1970-74, Programme of Post-War Reconstruction and Development*, Vol. ii, Lagos, Government Printer.
- Shagari, Shehu. 2001. *Beckoned to Serve: An Autobiography*. Ibadan: Heinemann Educational Books.
- The Proposal for the Creation of Anioma State: Movement for the Creation of Anioma State Central Working Committee*. 2010. jun.
- Uchendu, E. 2007. *Women and Conflict in the Nigerian Civil War*. Trenton: Africa World Press
- Uchendu, V.C. 1965, *The Igbo of South-East Nigeria. Case Studies in Cultural Anthropology*. Nova York: Holt Rhine Hart & Winston.
- Ukpong. I. 1979, "Social and Economic Infrastructure". In *Structure of the Nigerian Economy*, organizado por Olaleku, B., Fajana, Tomori e Ukpong. Londres: Macmillan Publishers e University of Lagos Press.

RESUMO

A Guerra Civil Nigeriana causou muita devastação em Igbolândia como um todo e as necessidades mais urgentes da população eram alimentação, vestuário e abrigo. Para enfrentar esses desafios, o governo nigeriano, sob o general Gowon, introduziu o programa de reconstrução pós-guerra civil para reconstruir Igbolândia. A reconstrução de Igbolândia ocidental, (Anioma) no estado do meio-oeste foi realizada pelo governo do estado do meio-oeste sob o coronel Ogbemudia. Os esforços dos governos federal e estadual do Meio-Oeste na reabilitação e reconstrução da infraestrutura social e econômica danificada em Anioma foram inadequados e isso obrigou a população a embarcar em intervenções de autoajuda individuais e comunitárias. Este artigo explora as verdadeiras estratégias de autoajuda que o povo adotou e afirma que os programas de reconstrução foram tímidos e sutilmente empacotados para marginalizar e dominar o povo igbo ocidental nos aspectos econômicos e políticos do Estado do Meio-Oeste e da Nigéria. O argumento geral do artigo é que foi a resiliência valorizada do povo que foi fundamental na reconstrução de suas comunidades devastadas pela guerra.

PALAVRAS-CHAVE

Igbolândia Ocidental; Anioma; Comunidade; Pós-Guerra Civil; Estratégias de Reconstrução.

Recebido em 25 de Junho de 2020

Aceito em 1º de Outubro de 2020

Traduzido por Pietra Ribeiro Studzinski